

ANTON PANNEKOEK (1873-1960)*

Paul Mattick**

A vida de Anton Pannekoek coincidiu quase que inteiramente com a história do movimento operário moderno. Ele viu seu aparecimento como um movimento de protesto social, sua transformação como um movimento de reforma social e seu eclipse como um movimento de classe independente no mundo contemporâneo. Mas Pannekoek também viu as possibilidades revolucionárias nas sublevações espontâneas que, de tempos em tempos, interromperam o curso tranqüilo da evolução social. Entrou como marxista no movimento operário e morreu marxista, convencido de que, se existe algum futuro, será um futuro socialista.

Assim como muitos outros importantes socialistas holandeses, Pannekoek veio da classe média e, como ele mesmo uma vez observou, seu interesse pelo socialismo era proveniente de uma forte tendência científica, que procurava abarcar a um só tempo a sociedade e a natureza. Para ele, o marxismo era um ramo das ciências aplicado aos problemas sociais e à humanização da sociedade. Ele sabia conciliar seu grande interesse pelas ciências sociais com seu gosto pelas ciências naturais. Tornou-se não só um dos teóricos proeminentes do movimento operário radical, mas também astrônomo e matemático com reputação mundial.

Essa postura unificadora perante as ciências naturais, as ciências sociais e a filosofia determi-

nou a maior parte de sua obra. Uma de suas primeiras publicações, *Marxismo e darwinismo*, esclarece a relação entre as duas teorias. Um de seus últimos trabalhos, *A antropogênese*, trata da origem do homem. Ele escreveu que “a importância científica do marxismo, bem como do darwinismo, consiste em desenvolver até às últimas conseqüências a teoria da evolução, primeiro no domínio do mundo orgânico, depois no domínio da sociedade. A importância da obra de Darwin reside no reconhecimento de que “em determinadas condições, uma espécie animal se transforma necessariamente em outra”. Em sua visão, há um “mecanismo”, uma “lei natural”, para explicar o processo de evolução. O fato de Darwin ter relacionado essa “lei natural” à luta pela existência, fazendo analogia com a concorrência capitalista, não afetava sua teoria, nem seria, por essa razão, a concorrência capitalista uma “lei natural”.

Foi Marx quem elaborou a força motriz do desenvolvimento social. O “materialismo histórico” tinha como referência a sociedade e, apesar de o mundo ser ao mesmo tempo natureza e sociedade – como se constata pela necessidade do homem de comer para viver –, as leis do desenvolvimento social não são as leis da natureza. É claro que nenhuma lei é absoluta, seja ela natural ou social. Mas pode-se confiar nelas em alguma medida, uma vez que elas se verificam na experiência e podem ser consideradas “absolutas” para os fins da prática humana. Elas negam o livre-arbítrio e a livre escolha e se relacionam às regras e regularidades observadas, que permitem prever a razão de ser das ações humanas.

Como Marx, Pannekoek afirmava que é “a produção da vida material que constitui a estrutura

* Publicado em <http://www.marxists.org/archive/mattick-paul/index.htm> (publicado originalmente em *News Politics* (Old Series), Boston, 1960), trad. Ilka Santos.

** Paul Mattick (1904-1981) é, juntamente com Karl Korsch e Anton Pannekoek, um dos autores mais representativos da corrente marxista denominada conselhismo ou comunismo conselhistas (Nota do Editor).

<https://doi.org/10.36311/0102-5864.21.v0n45.4870>

principal da sociedade e determina as relações políticas e as lutas sociais”. Foi por meio da luta de classes que as transformações sociais decisivas se produziram, tendo levado a um aumento da produção social. O socialismo implica ainda o desenvolvimento das forças sociais da produção, até o momento travadas pelas relações de classe existentes. Tal objetivo não pôde ser realizado senão pela classe dos produtores, capaz de basear suas esperanças no nascimento de uma sociedade sem classes.



Anton Pannekoek

Historicamente, as etapas da existência humana e social podem ser reconhecidas por meio de mudanças nos instrumentos e nos modos de produção, que alteram a produtividade do trabalho social. A “origem” desse processo se perde na Pré-História, mas pode-se supor que resida na luta do homem pela existência, em um meio natural que o obrigou a desenvolver sua capacidade produtiva e sua organização social. Desde que Friedrich Engels escreveu “O papel do trabalho na transformação do macaco em homem”, houve a produção de uma literatura inteiramente voltada para a questão dos instrumentos e da evolução humana.

Em *A antropogênese*, Pannekoek retomou os problemas que havia abordado em *Marxismo e darwinismo*. Tal como há “mecanismos” que explicam o desenvolvimento social e a evolução natural, igualmente deve haver um “mecanismo” que explique a ascensão do homem no mundo animal. A sociedade, o auxílio mútuo e mesmo o emprego de “instrumentos” caracterizam igualmente outras espécies. O que caracteriza especificamente o homem é a linguagem, a razão e a fabricação de instrumentos. É essa última que explica, de modo verossímil, o desenvolvimento simultâneo de linguagem e pensamento. Como o uso de instrumentos se interpõe entre o organismo e o mundo exterior, entre os estímulos e a ação, ele leva à ação, obrigando, portanto, o pensamento a desviar-se das impressões sensoriais através do instrumento até o objeto.

Sem o pensamento humano, o discurso seria impossível. A mente humana é capaz de pensamentos abstratos, é capaz de pensar em conceitos. A vida mental tanto do homem quanto dos animais deriva de sensações que se combinam em imagens,

mas a mente humana sabe distinguir entre as percepções e os atos por meio do pensamento, tal como o instrumento se interpõe entre o homem e o objetivo que ele se propõe a atingir. A separação entre as percepções e os atos e a retenção das percepções passadas levam em conta a consciência e o pensamento, este que estabelece as interligações com as percepções e formula as teorias que se aplicam às ações práticas. As ciências naturais são a prova viva de uma relação estreita entre os instrumentos e o pensamento.

Como o instrumento é um objeto isolado e inerte, que pode ser substituído se for danificado e pode ser melhorado e alterado de diversas formas e para os mais diversos fins, ele assegura o desenvolvimento extraordinário e rápido do homem, ao mesmo tempo que seu emprego assegura o desenvolvimento do cérebro humano. O trabalho é, portanto, o “devir” e a “essência” do homem, quaisquer que sejam a degradação e a alienação daquele que o executa: o trabalhador. O trabalho e a criação de instrumentos elevam o homem do mundo animal até o nível das ações sociais para se confrontar com as necessidades da vida.

A transformação do animal em homem é um processo muito longo. Mas a transformação do homem primitivo em homem moderno é relativamente curta. O que distingue o homem primitivo do homem moderno não é a capacidade cerebral diferente, mas o emprego dessa capacidade. Quando a produção social fica estagnada, a sociedade também entra em estagnação; quando a produtividade do trabalho se desenvolve lentamente, a transformação social é igualmente retardada. Na sociedade moderna, a produção social se desenvolve rapidamente, criando novas relações de classe e destruindo as antigas. O que determinou o desenvolvimento social não foi a luta natural pela existência, mas a luta social por esta ou aquela forma de organização social.

O que distingue o homem primitivo do homem moderno não é a capacidade cerebral diferente, mas o emprego dessa capacidade.

Desde sua origem, o socialismo foi ao mesmo tempo teórico e prático. Sendo assim, não se restringia àqueles considerados beneficiários da transformação do capitalismo em socialismo. Com o objetivo de uma sociedade sem classes e o fim do conflito social, atraindo ainda inteligências de todas as camadas da sociedade, o socialismo provou antecipadamente a possibilidade de sua realização. Ainda quando jovem estudante de ciências naturais, especializando-se em astronomia, Pannekoek entrou no Partido Operário Social-Democrata da Holanda (SDAP) e posicionou-se imediatamente na sua ala esquerda, ao lado de Herman Gorter e Henriette Roland-Holst.

Esse partido tinha sido precedido pela Aliança Social-Democrata (SDP) que, pela influência de Dometa Nieuwenhuis, tinha se dissociado da Segunda Internacional. O antimilitarismo foi seu interesse primeiro e Nieuwenhuis defendia a estratégia da greve geral para evitar a guerra. Não conseguiu o apoio da maioria e logo se deu conta de que, no interior da Segunda Internacional, havia uma tendência para a colaboração de classes. Opôs-se à exclusão dos anarquistas da Segunda Internacional e suas experiências como membro do parlamento o fizeram rejeitar o parlamentarismo como uma arma para a emancipação social. As tendências “anarco-sindicalistas”, das quais ele era o representante, dividiram a organização, o que veio a resultar em um novo partido socialista, mais próximo do “modelo” da social-democracia alemã. Contudo, a ideologia radical do antigo partido influenciou as tradições do movimento socialista holandês.

Esse radicalismo tradicional encontrou expressão no novo órgão mensal do partido, *Die Nieuwe Tijd*, particularmente nas contribuições de Gorter e Pannekoek, que combateram o oportunismo crescente dos dirigentes do partido. Em 1909, a ala esquerda reunida em torno de Gorter foi expulsa e esse grupo formou uma nova organização, o Partido Social-Democrata. Pannekoek encontrava-se, então, na Alemanha. Lecionava nas escolas do Partido Social-Democrata da Alemanha e escrevia para suas publicações teóricas, bem como para outros jornais, como o *Bremen Burgerzeitung*. Associou-se



Herman Gorter

à nova organização de Gorter, a qual se transformou anos mais tarde no Partido Comunista com orientação de Moscou, com a direção de Van Ravestein, Wijnkoop e Ceton.

Mesmo fiel à tradição do “socialismo libertário” de Nieuwenhuis, a oposição de Pannekoek ao reformismo e “revisionismo” social-democrata era de inspiração marxista, opunha-se às duas formas de marxismo oficial, o ortodoxo e o revisionista. Em sua forma ortodoxa, o marxismo servia como uma ideologia para mascarar teoria e práticas distantes de Marx. Mas a defesa do marxismo por Pannekoek não era a defesa de um doutrinário: melhor do que ninguém, ele reconhecia que o marxismo não era um dogma, mas uma forma de pensar as questões sociais no processo real de transformação social. Em determinados aspectos, a teoria marxista não era somente ultrapassada pelo próprio desenvolvimento do marxismo, mas algumas de suas teses provenientes de condições determinadas perderiam a validade quando a situação mudasse.

A Primeira Guerra Mundial fez Pannekoek retornar à Holanda. Antes da guerra, ele tinha sido ativo em Bremen, ao lado da ligação com Radek, Paul Fröhlich e Johann Knief. Esse grupo de esquerda radical de Bremen se fundiu mais tarde à Liga Spartacus, lançando assim as bases para o Partido Comunista da Alemanha. Os grupos que se opunham à guerra encontraram na Alemanha seus líderes em Karl Liebknecht, Rosa Luxemburgo e Franz Mehring. Na Holanda, essa oposição agrupou-se junto a Herman Gorter, Anton Pannekoek e Henriette Roland-Holst. Em Zimmerwald e em Kienthal, esses grupos juntaram-se a Lênin e a seus companheiros para condenar a guerra imperialista, bem como para defender as ações proletárias, tanto para a paz como para a revolução. A Revolução Russa de 1917, saudada como o início de um movimento revolucionário mundial, foi apoiada pelos radicais holandeses e alemães, apesar das suas divergências profundas com os leninistas.

Ainda na prisão, Rosa Luxemburgo estava apreensiva com as tendências autoritárias do bolchevismo e receava o conteúdo socialista da Revolução Russa, a menos que se conseguisse encontrar



Karl Liebknecht



Rosa Luxemburgo



Franz Mehring

um apoio retificador de uma revolução proletária no Ocidente. Gorter e Pannekoek partilhavam dessa posição de apoio crítico ao regime bolchevique. Contudo, trabalhavam no novo Partido Comunista e buscavam a criação de uma nova internacional. No entanto, na visão deles, essa internacional deveria ser nova não apenas no nome, mas também na perspectiva, bem como no que dizia respeito ao objetivo socialista e ao meio de o atingir.

A concepção social-democrata do socialismo é o socialismo de Estado, que deve ser atingido via procedimentos de democracia parlamentar. O sufrágio universal e o sindicalismo eram os instrumentos para realizar a transição pacífica do capitalismo para o socialismo. Lênin e os bolcheviques não acreditavam em uma transição pacífica e defendiam a derrubada do capitalismo pela via revolucionária. Mas seu conceito de socialismo era ainda o da social-democracia e os instrumentos para esse fim ainda consideravam o parlamentarismo e o sindicalismo.

No entanto, o czarismo não foi derrubado por processos democráticos e ações sindicais. A organização da revolução foi obra de soviets envolvidos espontaneamente, de conselhos operários e de soldados, o que logo deu lugar à ditadura bolchevique. Lênin estava disposto a utilizar o movimento dos soviets, assim como também estava pronto para utilizar qualquer outra forma de ação, até o parlamentarismo e o sindicalismo, para atingir seus objetivos: o poder ditatorial de seu partido camuflado como a “ditadura do proletariado”.

Tendo atingido o objetivo na Rússia, ele tentou consolidar o regime com o auxílio de movimentos revolucionários do Leste Europeu e, em caso de falha nessa estratégia, pensava em influenciar o

movimento operário, mas apenas uma tentativa de obter o controle do antigo movimento e utilizá-lo para defender o regime bolchevique na Rússia.

O patriotismo social das organizações operárias ocidentais e sua política de colaboração de classes durante a guerra convenceram os operários revolucionários do Leste Europeu de que essas organizações não poderiam ser utilizadas para fins revolucionários. Tinham-se tornado instituições ligadas ao sistema capitalista e tinham de ser com ele destruídas. Embora tivessem sido inevitáveis e necessárias no início do desenvolvimento do socialismo e da luta por objetivos imediatos, o parlamentarismo e o sindicalismo não eram mais instrumentos da luta de classes. Quando entravam no conflito social, ficavam ao lado do capital. Aos olhos de Pannekoek, isso não era apenas uma questão de má administração, que se poderia resolver com uma direção melhor, mas de condições sociais alteradas, nas quais o parlamentarismo e o sindicalismo não desempenhavam mais um papel emancipador. Na esteira dos acontecimentos, às vésperas da guerra, a crise capitalista trouxe a questão da revolução, e o antigo movimento operário não poderia se transformar em uma força revolucionária, pois o socialismo não tinha lugar para os sindicatos ou a democracia burguesa.

Durante a guerra, sempre que os operários lutaram por reivindicações imediatas tiveram de fazê-lo contra os sindicatos, tal como nas greves de massa

movimento operário ocidental no que fosse possível para assegurar pelo menos seu apoio indireto. Dadas as necessidades imediatas do regime bolchevique e as idéias políticas de seus dirigentes, a Internacional Comunista não foi o

Lênin e os bolcheviques não acreditavam em uma transição pacífica e defendiam a derrubada do capitalismo pela via revolucionária.

O controle dos meios de produção e da propriedade privada nas mãos do Estado, a determinação centralista e antagônica da produção e da distribuição deixaram intactas as relações capitalistas: exploradores e explorados, senhores e servos.

da Alemanha, da Áustria e da Escócia. Organizaram suas ações em comitês de fábrica, por meio de representantes de classe ou conselhos operários, independentemente da existência de sindicatos. Em todas as situações revolucionárias, na Rússia de 1905, depois em 1917, assim como na Alemanha e na Áustria em 1918, os conselhos (soviets) de operários e soldados surgiram espontaneamente e tentaram organizar a vida econômica e política, ampliando seu sistema em escala nacional. A regra dos conselhos operários era a ditadura do proletariado, pois tinham sido eleitos pela produção, deixando assim sem representação as camadas sociais que dela não participassem. Por si só, esse movimento poderia não levar ao socialismo e, por fim, os conselhos operários da Alemanha votaram por sua própria anulação, em apoio à Assembléia Nacional. Ora, a autodeterminação do proletariado requer uma organização social na qual o poder de decisão sobre a produção e a distribuição fique nas mãos dos trabalhadores.

Pannekoek reconheceu nesse movimento dos conselhos os indícios de um novo movimento operário revolucionário, que era ao mesmo tempo o início de uma reorganização socialista da sociedade. Esse movimento pôde nascer e manter-se, apenas opondo-se ao velho movimento. Esses princípios atraíram a parte mais militante do proletariado em revolta, para grande desgosto de Lênin, que não concebia um movimento fora do controle do partido ou do Estado e que procurava castrar os soviets da Rússia. Ele nem mesmo concordava com um movimento comunista internacional que estivesse fora do controle absoluto de seu próprio partido. Primeiro, recorrendo a intrigas, depois, de forma aberta, em 1920, os bolcheviques se esforçaram para combater as tendências antiparlamentares e anti-sindicalistas do movimento comunista, alegando que era preciso não perder o contato com as massas ainda ligadas às antigas organizações. O livro de Lênin *Esquerdismo, doença infantil do comunismo* era sobretudo dirigido contra Gorter e Pannekoek,

os porta-vozes do movimento comunista dos conselhos.

O Congresso de Heidelberg de 1919 dividiu o Partido Comunista da Alemanha em uma minoria leninista e em uma maioria que aderiu aos princípios do antiparlamentarismo e do anti-sindicalismo, sobre os quais o partido tinha sido fundado inicialmente. Mais uma controvérsia se junta à primeira: a ditadura do partido ou a ditadura de classe? Os comunistas não-leninistas adotaram o nome de Partido dos Operários Comunistas da Alemanha (KAPD). Uma organização similar foi fundada mais tarde na Holanda. Os comunistas de partido se opuseram depois aos comunistas de conselhos e Pannekoek colocou-se ao lado desses últimos. Os conselhos participaram do II Congresso da III Internacional, na qualidade de simpatizantes. As condições de admissão na Internacional – subordinação total das diversas organizações nacionais à vontade do partido russo – separou completamente o novo movimento de conselhos da Internacional Comunista.

A ação da Internacional Comunista contra a ultra-esquerda foi a primeira intervenção direta do partido russo na vida das organizações comunistas dos outros países. A forma de controle nunca mais mudou e subordinou, por fim, o movimento comunista do mundo inteiro às necessidades específicas da Rússia e do Estado bolchevique. Mesmo não tendo conseguido conquistar os sindicatos ocidentais e dominar as velhas organizações socialistas (separando-as de seus dirigentes), como previam Pannekoek e Gorter, ele destruiu a independência e o caráter radical do novo movimento operário que surgia nos conselhos. Graças ao enorme prestígio de uma revolução política vitoriosa e à derrota da revolução alemã, o partido bolchevique ganhou facilmente a grande maioria do movimento comunista para os princípios do leninismo. As idéias e o movimento comunista nos conselhos declinaram progressivamente e desapareceram praticamente com a ascensão do fascismo e da Segunda Guerra Mundial.

Enquanto a luta de Lênin contra a ultra-esquerda era o primeiro sintoma das tendências contra-revolucionárias do bolchevismo, o combate de Pannekoek e Gorter contra a corrupção leninista do novo movimento operário foi o começo de um antibolchevismo, do ponto de vista proletário. O

“antibolchevismo” burguês é a ideologia atual da concorrência do capital imperialista, que varia em função das relações de forças nacionais. Por exemplo, a República de Weimar combateu o bolchevismo por um lado e, ao mesmo tempo, fez acordos secretos com o Exército Vermelho e acordos comerciais oficiais com os bolcheviques, para sustentar sua própria posição política e econômica na concorrência mundial. Houve o pacto Hitler–Stálin e a invasão da Rússia. Os aliados ocidentais de ontem viriam a ser os inimigos na Guerra Fria, para não mencionar senão a mais evidente das incoerências da “política” do capitalismo, determinada como é por nada além do que o lucro e o poder.

O antibolchevismo tinha de pressupor o anticapitalismo, uma vez que o capitalismo de Estado bolchevique não é mais do que um outro tipo de capitalismo. Entenda-se que, em 1920, o fenômeno não era tão óbvio quanto é hoje. Foi necessária a experiência do bolchevismo para ensinar como o socialismo não poderia ser realizado. O controle dos meios de produção e da propriedade privada nas mãos do Estado, a determinação centralista e antagônica da produção e da distribuição deixaram intactas as relações capitalistas: exploradores e explorados, senhores e servos.

Esse desenvolvimento conduz apenas a uma forma mais moderna do capitalismo, em que o capitalismo é, de forma direta – e não indireta como antes –, a propriedade coletiva de uma classe dominante com base política. O sistema capitalista como um todo caminha nessa direção, reduzindo assim o antibolchevismo a uma simples luta imperialista pelo controle do mundo.

Olhando para trás, é fácil ver que as divergências entre Pannekoek e Lênin não poderiam ser resolvidas apenas na base da conversa. Todavia, em 1920, ainda se poderia esperar que a classe operária tomasse um rumo independente, não em direção a um outro capitalismo modificado, mas rumo à sua abolição. Respondendo à “doença infantil” do comunismo de Lênin, Gorter ainda se esforçou para convencer os bolcheviques dos erros de seu método, apontando a diferença das condições sócio-econômicas entre a Rússia e o Ocidente. O



Lênin

desenvolvimento posterior do bolchevismo mostrou, contudo, que os elementos burgueses presentes no leninismo não se deviam a qualquer “teoria falsa”, mas tinham raiz no próprio caráter da Revolução Russa, que tinha sido concebida e desencadeada como uma revolução capitalista de Estado, apoiada em uma ideologia pseudomarxista.

Em vários artigos publicados em jornais comunistas antibolcheviques e até o fim de sua vida, Pannekoek

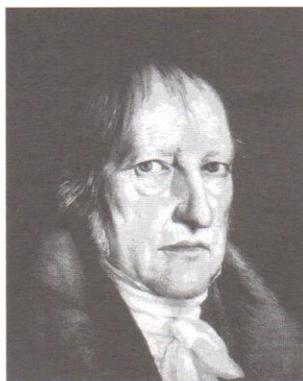
elucidou a natureza do bolchevismo e da Revolução Russa. Do mesmo modo que em sua crítica anterior da social-democracia, ele não acusou os bolcheviques de terem traído os princípios da classe operária. Ele mostrou que a Revolução Russa, embora tendo sido uma etapa importante no desenvolvimento do movimento operário, aspirava unicamente um sistema de produção que poderia ser denominado tanto como um socialismo de Estado quanto como um capitalismo de Estado. A revolução não traiu seus próprios objetivos, assim como os sindicatos não traíram o “sindicalismo”. Tal como não pode haver outro tipo de sindicalismo além do existente, também não se deve esperar que o capitalismo de Estado seja outra coisa senão o que é.

A Revolução Russa, contudo, foi conduzida sob a bandeira do marxismo e o Estado bolchevique é considerado no geral como um regime marxista. O marxismo e logo depois o marxismo-leninismo-stalinismo permaneceram como a ideologia do capitalismo de Estado russo. Foi para mostrar o que significava realmente o “marxismo” do leninismo, que Pannekoek elaborou uma análise crítica de sua base filosófica, publicando em 1938 o livro *Lênin, filósofo*. Lênin havia expressado suas idéias filosóficas na obra *Materialismo e empirocriticismo*, publicada na Rússia em 1908 e traduzida para o alemão e o inglês em 1927. Por volta de 1904, alguns socialistas russos, em particular Bogdanov, começaram a se interessar pela filosofia natural ocidental, mais especificamente pelas idéias de Ernest Mach e procuravam combiná-las com o marxismo. Eles tiveram alguma influência no partido socialista russo e Lênin procurou destruí-la, atacando sua aparente origem filosófica.

Marx deu ao seu sistema de pensamento o nome de “materialismo”, sem dar a esse termo um sentido filosófico. Visava apenas a base material de toda a existência social. Para chegar a essa concepção, tinha rejeitado o materialismo filosófico de Feuerbach e o idealismo filosófico de Hegel. Para o materialismo burguês, a natureza era a realidade dada de forma objetiva e o homem era determinado pelas leis naturais. Essa confrontação direta do indivíduo com a natureza exterior, bem como a incapacidade de ver a sociedade e o trabalho social como um aspecto indissolúvel da realidade como um todo, distinguiram esse materialismo de classe média do materialismo histórico.

O materialismo burguês do início – ou filosofia natural – sustentava que, por meio da experiência dos sentidos e da atividade intelectual deles derivada, seria possível obter um conhecimento absoluto e válido da realidade física, supostamente constituída pela matéria. Na tentativa de levar a representação materialista do mundo objetivo ao processo de conhecimento em si, Ernest Mach e os positivistas negaram a realidade objetiva da matéria, dado que os conceitos físicos tinham de ser construídos a partir da experiência dos sentidos, retendo assim seu caráter subjetivo. Isso perturbou bastante Lênin, uma vez que, para ele, o conhecimento era apenas o que refletia a verdade objetiva, ou seja, a matéria. Considerava a influência de Mach nos meios socialistas como uma corrupção do materialismo de Marx. Para Lênin, o elemento subjetivo na teoria do conhecimento de Mach era uma aberração idealista e uma tentativa deliberada de ressuscitar o obscurantismo religioso.

É verdade que o progresso crítico da ciência tinha encontrado seus intérpretes idealistas, que satisfizeram os defensores da religião. Alguns marxistas começaram a defender o materialismo da burguesia outrora revolucionária, contra o novo idealismo – e também a nova ciência – da classe capitalista instalada no poder. Para Lênin, isso parecia importante, uma vez que o movimento revolucionário russo, ainda na esteira da revolução burguesa, empregava em larga escala a luta ideológica



Hegel

com os argumentos científicos e filosóficos da burguesia ocidental inicial.

Confrontando o ataque de Lênin contra o “empiriocriticismo” com seu conteúdo científico real, Pannekoek não apenas revelou que Lênin tinha deformado as idéias de Mach e Avenarius, mas revelou também sua incapacidade de criticar a obra deles do ponto de vista do materialismo histórico, colocando-se, ao contrário, no terreno do materialismo burguês, inicial e cientificamente menos desenvolvido. Pannekoek via esse emprego de um materialismo de classe média para a defesa do marxismo como mais uma prova do caráter meio-burguês e meio-proletário do bolchevismo e da própria Revolução Russa. Esse materialismo estava de acordo com uma concepção de “socialismo” como um capitalismo de Estado, com atitudes autoritárias diante de organizações espontâneas, com o princípio anacrônico e irrealizável da auto-determinação nacional, bem como com a convicção de Lênin de que apenas a *intelligentsia* da classe média era capaz de desenvolver uma consciência revolucionária, o que a predestinava a guiar as massas. Essa mistura de materialismo burguês e marxismo revolucionário que caracterizou a filosofia de Lênin reapareceu com a vitória do bolchevismo, misturada com práticas neocapitalistas e com a ideologia socialista.

No entanto, a Revolução Russa era um acontecimento progressivo de enorme significado, só comparável à Revolução Francesa. Revelava ainda que o sistema de produção capitalista não estava limitado à relação de propriedade privada predominante no período do *laissez-faire*. Em virtude do refluxo da onda revolucionária na ocasião da Primeira Guerra Mundial, o capitalismo se restabeleceu, apesar da séria crise, com intervenções do Estado cada vez mais frequentes na economia. Nas nações com capitalismo menos desenvolvido, esse fenômeno tomou a forma de fascismo e levou à intensificação das políticas imperialistas, que, por fim, culminaram na Segunda Guerra Mundial. Mais ainda do que a Primeira Guerra, a Segunda Guerra mostrou claramente que o movimento operário existente não era mais um movimento de classe, mas parte do capitalismo contemporâneo.

Na Holanda ocupada durante a Segunda Guerra Mundial, Pannekoek começou sua obra *Conselhos operários*, que foi terminada em 1947. Era um resumo de sua experiência de vida com a teoria e a prática do movimento operário internacional e o desenvolvimento e a transformação do capitalismo nos diversos países e no seu conjunto. Essa história do capitalismo e da luta contra o capitalismo terminou com vitória de um capitalismo revivificado, ainda que alterado, após o fim da Segunda Guerra Mundial, e com a posterior submissão dos interesses da classe trabalhadora aos mecanismos de concorrência dos dois sistemas capitalistas rivais, que se preparavam para um novo conflito. Enquanto isso, no ocidente, as organizações operárias ainda existentes aspiravam quando muito à substituição do monopólio pelo capitalismo de Estado, o tão chamado movimento comunista mundial, como uma esperança para uma revolução mundial, seguindo o modelo russo. Em qualquer caso, o socialismo se confundia com a propriedade pública, com um Estado no controle da produção e os trabalhadores ainda submetidos às ordens de uma classe dirigente.



Ernest Mach

A queda do capitalismo de outrora foi também a queda do velho movimento operário. O que esse movimento chamava de “socialismo” provou ser uma forma mais dura de capitalismo. Porém, diferentemente da classe dirigente, que se adaptou rapidamente às novas condições, a classe operária viu-se sem poder e sem esperanças, ainda ligada às idéias e atividades tradicionais. E à medida que as mudanças econômicas mudam as idéias apenas de forma gradual, pode ainda levar um tempo considerável até que surja um novo movimento operário, adaptado às novas condições, pois a tarefa dos trabalhadores continua a mesma: abolir o modo de produção capitalista e realizar o socialismo. E isso pode acontecer apenas quando os trabalhadores organizarem a si e à sociedade para atingir esse objetivo, para garantir uma produção e uma distribuição social planejada, determinada pelos próprios produtores. Quando esse movimento de trabalhadores efetivamente surgir, será possível reconhecer suas origens nas idéias do comunismo de conselhos e em um de seus mais coerentes representantes: Anton Pannekoek.